Os maiores conflitos religiosos no mundo de hoje – Pe. José Oscar Beozzo

[22 de junho de 2022](https://ceseep.org.br/os-maiores-conflitos-religiosos-no-mundo-de-hoje-pe-jose-oscar-beozzo/)

em **[Artigos](https://ceseep.org.br/category/artigos/)**, [**Curso de Ecumenismo**](https://ceseep.org.br/category/cursos/curso-de-ecumenismo/)

A A

[[Imagen que contiene persona, hombre, parado, sostener

Descripción generada automáticamente](https://ceseep.org.br/wp-content/uploads/2022/06/mapeando-conflito-beozzo.png)](https://ceseep.org.br/wp-content/uploads/2022/06/mapeando-conflito-beozzo.png)

1. **MAPEANDO OS CONFLITOS**

O ataque às torres de Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001, seguido das reações que levaram à guerra no Afeganistão e depois no Iraque, criou rapidamente um clima, onde se passou a identificar uma determinada religião, o islamismo, com o terrorismo.

O antigo “império do mal”, expressão com que o presidente norte-americano Ronald Reagan estigmatizava a URSS, foi substituído por George W. Bush, pela expressão “eixo do mal”, colocando, no mesmo saco, vários países islâmicos, Iraque, Irã, Síria, Líbia, mas também um país comunista, a Coréia do Norte.

Na convocação internacional para se lutar contra o terrorismo, o presidente Bush falou de uma “cruzada” do ocidente cristão contra o ativismo muçulmano que o ameaça.

Na ânsia de compreenderem o que está acontecendo, muitas pessoas têm recorrido à teoria de Samuel Huntington de que os conflitos deste século XXI serão conflitos entre civilizações. A teoria foi logo simplificada para “guerra de religiões”.

1. **GUERRAS DE RELIGIÃO?**

Estes acontecimentos ressuscitaram a inquietante pergunta acerca da relação entre violência, guerras e religiões.

Seriam as religiões fator de paz ou contribuiriam para agravar tensões e conflitos, com um componente explosivo, pois falam em nome de Deus e trabalham com a noção de absoluto inclusive ético?

Este clichê, “guerra de religiões”, passou então a ser usado como chave de leitura para muitos outros conflitos contemporâneos.

O da Irlanda do Norte, por exemplo, em que distritos de maioria católica desejam separar-se dos outros de maioria protestante e juntar-se à República da Irlanda, vem sendo descrito como uma guerra entre “protestantes e católicos”.

O choque “palestino-israelense”, por conta das terras palestinas ocupadas pelo Estado de Israel, a partir de 1948 e, sobretudo, depois da guerra dos seis dias, em junho de 1967; por conta de 4,5 milhões de refugiados palestinos, com direito a retornarem ao território de onde foram expulsos; por conta das mais de trezentas colônias judaicas implantadas ilegalmente nas escassas terras palestinas; por conta da difícil repartição da água, bem essencial, escasso e mais caro do que o petróleo na região; por conta do impasse sobre Jerusalém, cidade santa para judeus, cristãos e muçulmanos e que os palestinos desejam como sua capital na sua parte oriental; por conta enfim da terrível violência mútua, onde o terrorismo virou uma arma contra civis israelenses, reprimido, por sua vez, com inaudita violência, num verdadeiro terrorismo de estado, por parte de Israel.

Tudo isso, é simplificadamente descrito como um embate entre “judeus” e “muçulmanos”.

Na atual guerra de desgaste entre Índia e Paquistão, pela posse do Cashemira, região de maioria muçulmana, mas sob administração da Índia, numa parte; do Paquistão noutra, e da China, numa terceira, os oponentes são descritos como “hindus” de um lado e “muçulmanos” do outro.

Nos sangrentos conflitos na ex-Iuguslávia, e na “limpeza étnica” ali praticada uns contra os outros, com o fito de criar territórios etnicamente homogêneos, os sérvios eram, sem mais, identificados como “ortodoxos”; os croatas, como “católicos”; os kosovares e a maioria dos bósnios, como “muçulmanos”.

Os conflitos no Sri Lanka, onde a minoria Tamil luta por autonomia na região norte do país, vêm sendo qualificado como choque entre “budistas” e “hindus”.

Na Indonésia, de modo particular, no Timor Leste, as lutas pela independência da ex-colônia portuguesa apareciam como confronto entre “muçulmanos” e “católicos”.

 Do mesmo modo, no Sudão, a guerra que move o governo de Khartum contra as populações do sul do país, vem sendo caracterizada como confronto entre “muçulmanos” e “cristãos”.

Noutros lugares, como na Nigéria, onde oito províncias do norte adotaram a “sharia” ou seja, a lei corânica como base da legislação civil penal, explodiram conflitos entre a maioria muçulmana e as minorias cristãs que se sentem ameaçadas pelo novo quadro jurídico.

Estes e outros embates no Congo, Rwanda, Burundi, vem sendo descritos, ora como conflitos étnicos, ora como conflitos religiosos

1. **COMO JULGAR CRITICAMENTE ESSES DIFERENTES CONFLITOS E MESMO GUERRAS?**

No geral, as causas destes confrontos são complexas, envolvendo jogos estratégicos na geopolítica, veladas contendas entre antigas potências coloniais, disputas entre grandes companhias pelo acesso a diamantes, petróleo, gás, urânio ou outros materiais estratégicos, além de razões históricas, econômicas, políticas e sociais, raciais e, cada vez mais, culturais.

É inegável que muitos destes conflitos vêm atravessados igualmente por uma vertente religiosa, acionada ao sabor dos interesses em jogo.

1. **BEM-AVENTURADOS OS CONSTRUTORES DA PAZ**

No conturbado cenário das últimas décadas, há um claro reconhecimento, por parte da sociedade internacional, de que homens e mulheres de fé, pertencentes a diferentes credos e comunidades religiosas, vêm dando uma importante contribuição para os esforços em favor da justiça e da paz mundiais.

 Em 1930, o arcebispo luterano de Upsala na Suécia, NATHAN SÖDERBLOM (1886-1931), primaz da igreja local recebeu o prêmio Nobel da Paz por suas iniciativas em favor da superação dos conflitos internacionais, a partir da cooperação e da busca da reconciliação e da unidade entre as igrejas cristãs. Foi Söderblom quem convocou em Estocolomo, em 1925, a primeira conferência internacional do movimento “Life and Work”, ”Vida e Ação” que se fundiu depois com o movimento “Faith and Order”, “Fé e Constituição” para constituir, em 1948, em Amsterdam, o Conselho Mundial de Igrejas.

Em 1946, o metodista JOHN RALEIGH MOTT (1865-1955), um dos líderes do moderno movimento ecumênico e Presidente, Conselho Missionário Internacional e da   [Aliança Mundial das Associações Cristãs de Moços](https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Crist%C3%A3_de_Mo%C3%A7os) foi agraciado com o Nobel da Paz.

Em 1952, foi a vez de o missionário luterano, teólogo, músico e médico da Alsácia, ALBERT SCHWEITZER (1875-1975) receber o Nobel da Paz, por incrementar a fraternidade entre os povos, a partir do seu hospital para leprosos no Gabão, a antiga África Ocidental Francesa.

Em 1958, o padre dominicano belga, DOMINIQUE PIRE (1910-1969), líder da organização de ajuda a refugiados *L’Europe du Coeur au Service du Monde* (A Europa do coração a serviço do Mundo), recebeu o Nobel pela acolhida a migrantes e refugiados.

A corajosa atuação não-violenta do Pastor batista, MARTIN LUTHER KING JR. (1929-1968), em favor dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, valeu-lhe o Nobel da Paz em 1964, mas também a vingança dos intolerantes que o assassinaram, em 1968, em razão dessa sua luta.

Nas últimas décadas do século passado, ao mesmo tempo em que se multiplicavam os conflitos e guerras no terceiro mundo, surgiram pessoas e organizações que se tornaram construtoras de paz, sob inspiração de sua fé religiosa.

Em 1979, pela primeira vez, u’a mulher recebeu o Nobel da Paz: MADRE TEREZA DE CALCUTÁ (1910-1997), fundadora da Ordem das Missionárias da Caridade, hoje espalhada pelo mundo todo. Religiosa, de origem albanesa, dedicou toda sua vida aos intocáveis, leprosos, coxos, paralíticos e aos pobres, moradores de rua na Índia.

No ano seguinte, em 1980, o prêmio veio para a América Latina, para o jovem escultor e arquiteto, músico e pintor, ADOLFO PEREZ ESQUIVEL (1931), fundador do SERPAJ (Servicio de Justicia y Paz), em razão de sua corajosa e intransigente defesa dos direitos humanos, em oposição ao regime militar argentino. Nos anos de chumbo da ditadura militar, o regime foi responsável por mais de 30.000 pessoas desaparecidas, grande parte delas cruelmente torturadas, antes de serem assassinadas pelos órgãos de repressão e seus corpos jogados no mar ou incinerados.

Em 1984, foi a vez de o primeiro arcebispo anglicano negro da África do Sul, DESMOND TUTU, nascido em 1931, receber o Nobel pela sua luta em favor dos direitos humanos e civis da maioria negra, contra o apartheid.

O DALAI LAMA, chefe religioso do budismo Tibetano, nascido em 1935, recebeu o Nobel da Paz, em 1989, pela sua incansável campanha não violenta de denúncia contra a ocupação política e militar do seu país, por parte da China.

Em 1992, aos 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo à América e imposição do colonialismo e exploração dos povos indígenas, a catequista da diocese do Quiche guatemalteco e ativista dos direitos indígenas, RIGOBERTA MENCHÚ TUM, recebeu o Nobel da Paz.

Em 1996, o Nobel da Paz foi conferido ao bispo católico de Dili no Timor Leste, Dom CARLOS FILIPE XIMENES BELO, junto com José Ramos Horta, por sua luta não-violenta em favor da independência do Timor Leste, ocupado pela Indonésia logo após a saída do governo colonial português em novembro de 1975.

Em 1998, o Nobel foi conferido a JOHN HUME, líder católico da Irlanda do Norte e a DAVID TRIMBLE, líder protestante do Ulster, pelo acordo de paz, assinado a 10 de abril de 1998, colocando fim a 30 anos de guerra civil na Irlanda do Norte.

Em 2000, o prêmio Nobel foi para o militante cristão e ativista dos direitos humanos e civis na Coréia do Sul, KIM DAE JUNG, que se opôs às sucessivas ditaduras de partido único que dirigiram a Coréia, desde 1954.  Tornando-se presidente do seu país, Kim empenhou-se também na reconciliação entre as duas Coréias, separadas desde o armistício que se seguiu à guerra de 1950 a 1953. Foi o primeiro presidente a encontrar-se com seu colega do norte, King Jong II, e a abrir as fronteiras para que famílias, de ambos os lados, separadas desde a guerra, pudessem se reencontrar.

Outras pessoas, sem terem recebido o prêmio Nobel, o mereceram pelo exemplo de suas vidas e de seu combate não-violento pela Justiça e pela Paz, tal como o MAHATMA GHANDI na Índia, um homem santo na sua busca incessante de reconciliação entre os hindus e muçulmanos. Ghandi foi indicado cinco vezes para o Nobel da Paz, sem ter sido escolhido.

Muitos ganharam prêmios alternativos da paz, como o PAPA JOÃO XXIII depois de sua corajosa atuação durante a crise dos mísseis em Cuba, em outubro de 1962.  João XXIII instou diretamente as duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética, que estiveram à beira de um conflito nuclear, a dialogarem e a superarem a crise sem uma guerra, possivelmente nuclear.  Da crise nasceu sua encíclica *Pacem in Terris* na Páscoa de 1963.  Naquele momento, João XXIII foi agraciado com o Prêmio Balzan pela Paz e, diante do novo quadro de armas de destruição massiva:  nucleares, químicas e biológicas, condenou todo e qualquer tipo de guerra, como crime contra a humanidade.

Dos budistas no Japão, DOM PAULO EVARISTO ARNS recebeu, em Tóquio, o 11 º Prêmio Niwano da Paz (11-05-1994), pelos seus esforços em favor dos direitos humanos e do diálogo entre as religiões para o estabelecimento da justiça.

DOM HELDER CAMARA, excluído do Prêmio Nobel da Paz pela oposição e sistemática e pressão do governo do Gal. Garrastazu Médici, sobre os jurados do Prêmio, acabou recebendo, em Oslo, em 1974, o “Prêmio Popular da Paz”,  por parte da juventude dos  países nórdicos. Dom Helder denunciava, naquele momento, a outra guerra silenciosa que mata milhões de pessoas por ano, de modo particular crianças pela desnutrição, pela fome e pela  falta de cuidados médicos. Este doloroso quadro  levou posteriormente  os bispos latino-americanos a afirmarem, com ênfase, no documento sobre a Paz em Medellín”:

“A luta contra a miséria é a verdadeira guerra que devem enfrentar nossas nações”[[1]](https://ceseep.org.br/os-maiores-conflitos-religiosos-no-mundo-de-hoje-pe-jose-oscar-beozzo/" \l "_ftn1)

DOM SAMUEL RUIZ, bispo de San Cristóbal de Las Casas no México, insistentemente indicado para o Nobel da Paz pela sua atuação na superação do conflito em Chiapas, acabou recebendo o prêmio Oscar Arnulfo Romero dos Direitos Humanos, outorgado pela Rothko Chapel da Fundação Menil de Houston no Texas.

Seu sucessor, em Chiapas, MONS. RAÚL VERA LÓPEZ, OP, removido depois para Saltillo no norte do México recebeu o Prêmio Rafto de 2010 por sua luta pelos direitos humanos, pela justiça social e pela intransigente defesa, frente ao poder, dos migrantes, dos povos indígenas, das viúvas de mineiros mortos e não resgatados em minas de carvão do norte mexicano e de outros grupos em situação de risco no seu país.

Ainda em 2010, DOM ERWIN KRÂUTLER, bispo de São Felix do Xingu, por muitos anos presidente do CIMI foi agraciado igualmente na Noruega com um Prêmio Nobel Alternativo (Prêmio Right Livehood), por sua defesa dos povos indígenas, ribeirinhos, seringueiros e moradores da floresta amazônica. Anos antes, recebeu também a Medalha Chico Mendes, por sua luta em favor da preservação da região amazônica e de sua floresta submetida a brutal desmatamento pela defesa de suas populações.

Outras pessoas como a IR. DOROTHY STANG assassinada na Prelazia de Dom Erwin a 12 de fevereiro de 2005, deram sua própria vida pelas mesmas causas de defesa da vida de pessoas, comunidades e do meio ambiente amazônico ameaçados por latifundiários, madeireiras, criadores de gado e por grandes projetos de mineração e hidrelétricas.

E, nesses dias de junho de 2022, recebemos com redobrada indignação a notícia do covarde assassinado de BRUNO PEREIRA e de DOM PHILLIPPS, por conta sua defesa intransigente, no vale do Rio Javari AM, dos povos indígenas, de suas vidas e territórios, ameaçados por pescadores ilegais, garimpeiros, madeireiros e narcotraficantes.

CONCLUSÃO

Podemos ver com todos estes testemunhos representando correntes e movimentos teológicos e políticos, nas várias religiões, que a busca da paz, da compaixão, do perdão e da solidariedade forma uma sólida e antiga tradição espiritual e ética.

Entre muitas dessas religiões tem havido um diálogo consistente, aberto também a correntes humanistas inclusive agnósticas ou atéias, para superar preconceitos atávicos, ignorâncias mútuas e estabelecer plataformas de cooperação e respeito, para o bem da humanidade.

São Paulo, 12 de junho de 2002;12 de agosto de 2011; 12 de junho de 2022.

[[1]](https://ceseep.org.br/os-maiores-conflitos-religiosos-no-mundo-de-hoje-pe-jose-oscar-beozzo/" \l "_ftnref1) Medellín, Doc 2 Paz, n º 29

<https://ceseep.org.br/os-maiores-conflitos-religiosos-no-mundo-de-hoje-pe-jose-oscar-beozzo/>